

CONSIDERAÇÕES ACERCA DO LAUDO "HISTÓRICO SOBRE AS LOCALIDADES DOS ÍNDIOS GAVIÕES DE OESTE (PARKATEYÉ E KUTATEYÉ)", DE EXPEDITO C. ARNAUD (SET. 85)*

Iara Ferraz
Centro de Trabalho Indigenista-SP
dezembro 1986

Procuraremos elucidar aqui algumas questões relativas à identificação da área de posse imemorial dos chamados GAVIÃO,¹ hoje reunidos na Área Indígena Mãe Maria, no município de São João do Araguaia (PA).

De maneira que vocada, o autor do laudo intitulado "Histórico sobre as localizações dos índios Gaviões de Oeste" procurou demonstrar que a atual Al Mãe Maria não constitui área de ocupação imemorial dos Gavião, mas uma área "reservada" por decreto pelo Estado do Pará, incluindo-a assim no artifício criado pelo artigo 76 da lei nº 6.001, o Estatuto do Índio (pp. 3 e 14). No entanto, o mesmo autor explicita no laudo exatamente o oposto, ou seja, constata a presença efetiva dos Gavião, nas d.c. das dc 20 e 40, na localidade denominada "Mãe Maria", na foz do igarapé de mesmo nome (pp.3-6). A nosso ver, essa interpretação ambígua acerca da territorialidade dos Gavião é resultante da utilização, pelo autor, de classificações ultrapassadas e, sobretudo, do abandono do trabalho de campo sistemático entre o grupo desde 1972.

* Parecer solicitado pela Procuradoria Geral da República a 27.11.86. Infelizmente não pudemos dispor dos documentos anexos mencionados no laudo.

¹ Adotamos a forma singular (conforme norma estabelecida pela Associação Brasileira de Antropologia em 1953), embora muitos autores os tratem pela forma plural, "Gaviões".

No laudo, o autor apontou a origem comum dos chamados Gavião (pp. 2 e ss) a partir de uma suposição de Curt Nimuendaju, etnólogo que, na década de 30, propôs uma classificação para os grupos denominados Timbira orientais. Os Gavião de leste e de oeste teriam constituído uma única "tribo" da qual, em torno de 1950, uma parte teria se separado e migrado para o oeste, supostamente fugindo ao contato com as frentes pastoris que avançavam nos campos do Maranhão. Lá permaneceram os Pykobjê, a partir dos quais Nimuendaju obteve, certamente, essa versão do mito e da história.

Em seguida, o autor menciona a localização dos grupos - nem sempre precisa - nas matas do médio Tocantins, até as cabeceiras dos rios Moju e Capim (p. 3 e 4), "com aldeias situadas em locais nunca identificados". A partir da década de 30, a atuação do então Serviço de Proteção aos Índios (onde o autor do laudo teve destacada participação) fez-se verificar, para "atrair" e "pacificar" os Gavião que, naquela época, eram o grande temor dos povoados ao longo do médio Tocantins.

Prosseguindo, o autor trata da transferência pelo SPI e, depois, pela Fundação Nacional do Índio, de todos os grupos, sucessivamente, para o interior da área delimitada, o Posto Mãe Maria, objeto de doação aos Gavião, em 1943, pelo Estado do Pará (decreto nº 4.503). Finalmente, é mencionada no laudo a questão da demarcação daquela área que, ao que tudo indica, motivou a elaboração do referido documento.

O autor deixa de mencionar, contudo, que a porção denominada "Mãe Maria" constitui-se atualmente objeto de questão entre os herdeiros de João Anastácio de Queiroz (chefe político em Marabá nos anos 30 e 40) e os Gavião que enfrentam, atualmente, problemas decorrentes da não-demarcação efetiva, no terreno, até o presente, do limite sul da Área In-

Índigena Mãe Maria, atravessada pela Estrada de Ferro Carajás e que se encontra invadida por cerca de 200 famílias de trabalhadores rurais (conforme levantamento MIMAD de janeiro de 1986), 49 delas ali assentadas oficialmente pelo Grupo Executivo de Terras do Araguaia-Tocantins - GETAT - em 1981.

As observações aqui apresentadas acerca da área de "Tibira" e das formas de designação (e diferenciação) dos grupos permitirão compreender seu modo de convivência e expansão em geral e, em particular, o processo de expansão dos Gavião ao longo da margem direita do médio curso do rio Tocantins. Essa região, como se verá, configura o território Gavião, ou seja, sua área de ocupação e posse imemorials, da qual a "Área Indígena Mãe Maria" é apenas uma parte.

Se as fontes utilizadas pelo autor do referido laudo apresentavam dificuldades em identificar corretamente a área tradicional de ocupação, durante pelo menos um século, pelos Gavião, o valor documental da etnohistória permite-nos empreender, com segurança, essa localização mais precisa dos grupos locais e seus movimentos no interior do território que ocupavam. Os depoimentos de Krehokrenhur, chefe Gavião hoje com cerca de 60 anos, colhidos por nós entre 1976 e 1982 (excertos aqui transcritos em anexo), são muito elucidativos para essa tarefa da interpretação que os sujeitos têm da história.

A partir de evidências etnográficas do modo de expansão dos Gavião é possível compreender o processo de "atração" e contato pelo SPI, a partir da década de 30, como resultado do arrefecimento da capacidade guerreira dos grupos locais em que os Gavião se encontravam segmentados, conforme normas que regiam um sistema de relações sociais específico.

² A respeito da questão da definição do limite sul da AI Mãe Maria, elaboramos um parecer para a Comissão Interministerial MINTER-MIMAD criada em dezembro de 1985.

Finalmente, essas considerações tornam possível verificar que a delimitação, pelo Estado, de uma "reserva" para os Gavião - a atual Área Indígena Mãe Maria - significou a expropriação de milhares de hectares do seu território tradicional (o mapa jamais se confunde com o território). A transferência forçada e a fixação de todos os grupos no interior daquela área consumaria a liberação do restante do seu território para a ocupação efetiva pela sociedade nacional. Ou, como costuma afirmar o chefe Gavião, "Mãe Maria é só um pedaço..."

1- A unidade "Timbira" - formas de designação e modo de expansão

Todos os estudiosos dos Timbira recorrem necessariamente à valiosa contribuição deixada por Curt Nimuendaju. De acordo com a classificação por ele sugerida (1946 e m.s.), até o final do século XIX teria existido um total de 15 grupos Timbira orientais, divididos entre grupos setentrionais e meridionais (inclui aqui os que chamava "Gaviões da mata"). "A terra dos Timbira se estende entre o 39 e o 99 de latitude sul e 429 de longitude oeste, pela parte Nordeste da região campestre do Brasil central, onde esta confina com a ponta Sudeste da Hyleae amazônica. Pelos fundos da faixa de campos alagadiços da região costeira a Hyleae prolonga-se desde um ponto no Tocantins situado um pouco acima da confluência com o Araguaia, por toda a bacia do Rio Gurupi, pelo médio e baixo Pindaré, pelo baixo e até além do baixo Mearim. Nesta região da mata estão atualmente localizados as tribos dos Gaviões Ocidentais, dos Krêyê de Cajuapára e dos Krêyê e Kukôekamekra de Bacabal" (m.s.p.191, grifo nosso). Logo de início, como se observa, Nimuendaju situava os Gavião de que tratamos aqui. O primeiro mapa em anexo, contido em outra publicação (Nimuendaju, 1983), apresenta essa localização dos Gavião à margem do médio Tocantins.

Todos os Timbira apresentam como características comuns o idioma, o corte do cabelo, o uso de discos auriculares, a forma circular das aldeias e a corrida com terras. De acordo com Azanha (1984:7-8), "Nimwendaju somente nos dá indicações sobre como operava, na prática, a unidade dos grupos "Timbira", isto é, sobre o modo como se inter-relacionavam mais de três dezenas de grupos "semelhantes", vivendo em um território comum. Fala sobre bandos que se separaram de grupos maiores, de algumas alianças intergrupais e de bandos que se fundiram dando origem a um novo grupo. Fala, portanto, de cisões, alianças e de guerra, remetendo ao modo como os grupos Timbira conviviam (apud Nimwendaju, op.cit. §§40-111)."

Para explicitar esse modo de convivência, G. Azanha prossegue analisando o processo de expansão dos grupos Timbira, a partir do caráter relativo das suas denominações, dependendo da posição de quem denomina: se um membro do próprio grupo ou de outro grupo Timbira. Conforme salientou o autor, "o sufixo -katejê - onde /jê/ é indicador de classe ("esse povo", "a gente") - aparece sempre unido a um substantivo ou a um verbo para significar algo ou alguém que tem o domínio sobre alguma coisa ou ação" (op.cit:10). Assim, em relação aos Cavião de Mãe Maria, os grupos que os compõem atualmente são denominados, por eles próprios, Parkatejê (par é pé, jusante), a maioria de seus integrantes, formada, por sua vez, pelos rôhokatejê (rôhō é a palha do coqueiro babaçu), a "turma do cocal" e pelos Akrātikatejê (akrāti é "montanha" por extensão de "cabeça" -krā + sufixo indicador de aumentativo), a "turma da Montanha". Estão também no Mãe Maria os Kyjatejê (kyj é leste, montante). São, na verdade, nomes que designam os grupos a partir do domínio que exerciam sobre uma determinada porção do mesmo território (tendo por referência o Tocantins), especificado por um acidente geográfico ou por qualquer outra característica que o assinalasse.

O outro modo de designação dos grupos Timbira entre si - e do qual não se dispõe de evidência etnográfica entre os Gavião de Mão Maria - apresenta o sufixo -(ca)mêkra, onde mê é indicador de plural e kra é filho. Muito acertadamente, Nimuendaju traduziu essa designação por "tribo". Assim, os Mâkamêkra (mê = ema), parte dos atuais Krahô (GO), os Aapânekra (aapân = piranha) ou os Rankokamêkra (rankô = almacega do brejo), os chamados Canela.

Conforme apontou Azanha, "enquanto os que apresentam a forma -katejê marcam, pela designação, uma diferença quanto à ocupação territorial (domínio de parte de um mesmo território), a forma -(ca)mêkra assinala uma diferença de origem (de caráter totêmico) e que não remete a um lugar geográfico (...). Os dois modos de designação dependem, antes de tudo, do modo como se diferenciam uns dos outros os grupos Timbira" (idem:11). A presença do sufixo -katejê, prossegue o autor, "implica vizinhança e contiguidade, especificando sub-grupos dentro de um domínio inclusivo e os grupos assim designados são resultantes de processos de cisão ou de fusão recentes - são "grupos locais" em sentido estrito (...) a contiguidade envolvida é territorial e, portanto, política (...) são grupos próximos uns dos outros em termos de relações de aliança. Apesar das acusações mútuas que se seguem ou dão origem ao processo de cisão, a trama do parentesco mantém por muito tempo unido o novo grupo à aldeia-mãe (...) Se as relações envolvidas são de "vizinhança", obedecendo, portanto, a um mecanismo de aproximação e distância, não se pode descartar a hipótese de um determinado grupo vir a se transformar, por uma crescente autonomia política e territorial, num grupo outro frente à aldeia-mãe, quando então perderia a terminação -katejê (idem: 12-13), processo que, como supõe o autor, levaria o grupo de 50 anos, no mínimo.

Assim, quanto maior a distância, maior a diferença entre os grupos, distância marcada portanto pelos denominativos.

Ainda de acordo com o mesmo autor, "quando se passa da forma -katejê para a forma -(ca)môkra pas-se-se, ao mesmo tempo, de uma hostilidade velada ou contida para o risco da guerra. Por outro lado, a unidade pretendida de todos os Timbira somente se manifesta frente ao kupê (qualquer não-Timbira, estranho, incomum), conforme Nimuendaju (m.s.14-15) ou no mito de origem dos diferentes grupos Timbira. Esse mito explica as semelhanças entre os diversos grupos; pretende justificar o mais ou menos comum a todos eles. Mas nada diz sobre a natureza das diferenças: o fato de tirar um nome e se distanciar parece bastar para tanto. O que o mito acentua é a correlação entre "diferenciação" e "autonomia", isto é, diz que os grupos se distanciaram uns dos outros para reproduzirem, a seu modo, uma certa "forma" Timbira (...). A consequência desse processo é que ele coloca os grupos assim diferenciados frente a frente como "iguais", estabelecendo uma rivalidade entre eles na medida em que cada um interpreta a "forma comum" (Timbira) a sua maneira" (id:14.). Mas a relação de cada grupo com esse todo "Timbira" não é uma relação "parte de", como salienta o autor (idem: 17-18), "no sentido de que as partes estariam ligadas de tal modo que a falta de uma delas modificaria a estrutura do "todo". Isto não ocorre: os grupos Timbira tendem a se afirmar como unidades autônomas entre si e em relação ao "todo".

Como resultado do processo de cisão, a expansão "não é nada mais que um processo de diferenciação em que um grupo se distingue de outro (na ampla acepção desse termo: se separa e se destaca, como singularidade no separar-se) para reproduzir, a sua maneira, a forma "Timbira", como as designações mútuas entre os grupos parece indicar. Esse processo de diferenciação teria como resultado ainda o estabelecimento de uma rivalidade crescente entre os grupos que disputariam não mulheres ou proteínas mas, por assim dizer, a "criação" da forma "Timbira" (cf. Asanha, idem:19). A guerra seria, portanto, condição e resultado do processo de expansão Timbira e, como tal, um modo de um grupo local querer "ser mais" ("Timbira")

do que o outro (como as indicações de Nimuendaju e Melatti-1974 - e o discurso de Krohokrenhum deixam, de fato, entrever).

Foi provavelmente a partir desse mito de origem dos diferentes grupos Timbira, em versão narrada pelos Pvkhohjê (os Gavião dos campos do Grajaú), que Nimuendaju (m.s.22§53) afirmou terem os Gavião se separado, emigrando para as matas. Não existe, todavia, evidência etnográfica dessa separação, tal como nos informam as designações dos Gavião de Mãe Maria e a compreensão do processo de expansão dos Timbira que, por sua vez, permite-nos entender o modo de ocupação de um mesmo território, situado à margem direita do Tocantins. há, pelo menos, 80 anos.

2- Contato e arrefecimento da capacidade guerreira

A ocupação, pelos Gavião, das matas da margem direita do Tocantins era atestada pelos estereótipos - "indomáveis", "traíçoeiros", "assassinos" - com que eram identificados pelos regionais (viajantes e castanheiros) e que motivavam expedições de extermínio patrocinadas por comerciantes e chefes políticos locais nos anos 30 e 40. Ao mesmo tempo em que a manipulação, pelos Gavião, do ethos beligerante lhes garantia a defesa e ocupação do território tradicional até meados da década de 30, a pressão dos castanheiros (que começavam então a penetrar nas matas do Tocantins e, portanto, em território Gavião), obrigou-os a um recuo e confinamento que resultaram no contato. Eram frequentes os choques com coletoras de castanha, noticiados pela grande imprensa. Esses choques armados ocorriam numa extensão de quase 180 km, abrangendo terras dos atuais municípios de Tucuruí, Itupiranga, Marabá e São João do Araguaia (cf. Arnaut, 1975:36 e, no laudo, p.4). Em direção ao interior, como se comprova através dos depoimentos de Krohokrenhum, ocupavam as cabeceiras dos rios Moju, Araranguá (formador do rio Capim) e Jacundá Grande, onde entravam

em conflito com outros grupos de origem Tupi ali existentes (cf. Arnaud, idem:ibid).

O período que antecedeu o contato definitivo dos grupos locais foi marcado pela recrudescência de relações inicialmente amistosas com os kupé, a "gente civilizada" (como se poderá observar através do depoimento de Kronokrenhum). Ele narra acontecimentos ocorridos no laxo rio Tauri e no Ipixuna que não foram, todavia, vividos por ele. Os episódios violentos, com mortes de ambos os lados, viriam a resultar do desejo de posse de determinados bens materializados, como facões e machados. E, com essa finalidade, realizavam expedições através de todo o seu território.

Por várias vezes, Kronokrenhum menciona o fato de se "acostumarem" com a presença dos kupé em seu território. As relações pareciam, inicialmente, amistosas, quando obtinham dos kupé os bens que desejavam. "Também não tinha motor (barco a motor), não tinha nada... era só canoinha que andava na beira do rio (Tocantins)". Kronokrenhum alude a uma época anterior ainda aquela em que os regionais subiam os igarapés e afluentes do Tocantins, penetrando nas matas do interior - ou seja, em território Gavião - à procura de castanhais. Para os grupos locais, tratava-se de uma fase "exploratória" das relações com os kupé.

"Aí foi indo (o tempo passou)... aí parece dividiram, outro grupo, outra turma. Era sempre assim: quando "caboclo" morando assim na aldeia, né? quando qualquer hora que quiser dividir, outro aí dá pra lá... quando na hora que planta milho, aí eles espalha, divide, separa, né? Ainda assim: um grupo vai pra lá, outro vai pra cá [em outra direção], marcando [porções no território comum], quando "caboclo" vem ver, milho tá no jeito (maduro), aí eles chega, encontra na aldeia do novo! (apud Ferraz, 1983:30).

Kronokrenhum menciona como, tradicionalmente, os grupos se dividiam e se expandiam territorialmente, sobretudo

ao final da estação seca, quando realizavam grandes expedições de caça e coleta, aguardando o amadurecimento do milho para então retornarem à aldeia para a consecução do ritual do milho novo (Itôhytetet), dando prosseguimento aos rituais cerimoniais tradicionais. Permaneciam em acampamentos provisórios na mata e, assim, com o início das chuvas, encontravam os coletores de castanha que subiam os igarapês e afluentes da margem direita do médio Tocantins. A vingança pelo morte do chefe a que se referia (ver depoimento em anexo), seu tio materno, marcou o recrudescimento das relações com os "civilizados", o "pagamento" de mortes com mortes. A essa época corresponde o alarde na imprensa em torno da "selvageria dos Gaviões", que saqueavam povoados às margens do Tocantins e postos de atração do SPI (Jacundá, Ipixuna, Arubaia, Mãe Maria e, mais tarde, Saranzal)³

Kronokrenhum enfatiza um sentido competitivo contido na ação guerreira contra os kupé. "Fazer mortes" implicava "ser mais do que o outro", em se destacar, "ganhar", ter mais prestígio e honra pessoais no seio do grupo, fortalecendo laços de solidariedade; especialmente no interior de uma mesma classe de idade, são atos que acrescem substancialmente esses valores para os Gaviões (cf. Ferraz, op.cit:32). Não raras vezes, conflitos internos eram motivados por roubos de produtos de roças, acusações de feitiçaria ou raptos de mulheres. Kronokrenhum costuma lembrar sempre, em seus discursos, o "tempo em que "cabeclo" era danado pra brigar, pra flechar outro turma..." (idem:33).

Atualmente, os indivíduos mais velhos entre os gaviões reunidos em Mãe Maria ainda se recordam da grande aldeia - Kriôpreti - nas cabeceiras do rio Moju, a partir de onde, na década de 20, ocorreu uma cisão significativa e um

³ "Sanguinolento ataque dos índios Gaviões à vila de Jacundá - palco de horrível tragédia", O Estado do Pará, Belém, 29.1.48.
SILVA, Arlindo, "Índios em pé de guerra", O Cruzeiro, RJ, 31.3.5

grupo então numeroso refugiou-se a montante do rio Tocantins, enquanto os demais permaneceram expandindo-se em direção oeste. Foi nessa época, conforme o laudo (pp. 3-6) que os Gavião "estabeleceram contatos pacíficos com Messias de Souza, possessor de uma gleba situada no igarapé Mãe Maria", evidenciando sua presença naquela localidade. Para elucidar ainda melhor essa questão, é de valor histórico inestimável o "Memorial descritivo da medição e discriminação da sorte de terras sem denominação aforada pelo Estado do Pará a João Anastácio de Queiroz",⁴ documento datado de 1920, de onde extraímos o trecho a seguir:

"O terreno situado entre os igarapés Flexeira e Mãe Maria ... presta-se à cultura de mandioca, arroz, milho, cana de assucar e outros cereais, sendo porém pouco explorado na industria agrícola, principalmente por ser o ponto de constante permanência da indomável tribo de índios Gaviões, que ali tem o seu unico ponto de contacto com christãos, devido a extraordinaria sympathia que voçam a Messias José de Souza, conhecido entre el es pelo nome Papae-Messias, pelos muitos obsequios e agrados que lhes presta, chegando mesmo a manter ahi um pequeno servico de lavoura e um limitado numero de creacoes, para usufruto exclusivo dos índios dando-lhes estes em recompensa o privilegio de ser o unico que pode conservar o pessoal e fazer a safra de castanha nesse pedaço de terra paraense. Em nome Papae-Messias, é a senha salvadora de incautos castanheiros, que pela primeira vez, são encontrados nas mattas pelos índios e que dahi em diante ficam reconhecidos e amigos." (grifo nosso)

O "ponto de constante permanência da indomável tribo (...) único ponto de contato com cristãos", conforme o documento, comprova que a tal gleba situada à margem direita do igarapé Mãe Maria, próxima à foz, era de fato parte integrante do território dos Gavião. O documento explicita melhor as relações "pacíficas" entre Messias José de Souza e o grupo: os obsequios e agrados que lhes prestava, com plantio de pequenos

⁴ Cópia desse documento foi anteriormente encaminhada à Procuradoria Geral da República.

roçados e criação de animais para "usufruto exclusivo" dos Gavião tinham um único objetivo: garantir a permanência ali do "barracão" instalado com vistas à exploração do castanhal (local que, mais tarde, ficou conhecido como "castanhal dos índios"). De acordo com informações de antigos moradores da região, Messias José de Souza não era um "pesseiro" (como afirma o autor do laudo à pág.3) mas o "encarregado de barracão" no castanhal objeto do aforamento - transformado posteriormente (22.7.1936) em título de propriedade - do Coronel João Anastácio de Queiros.

O início da década de 50 foi marcado pela ruptura decisiva de uma ordem tradicional entre os Gavião, onde a operação do sistema de organização social se encontrava debilitada com o esfacelamento do território comum, invadido por castanheiros, com as doenças advindas e a diminuição dos grupos, com as mortes. Os relatos de Krohokrenhum referentes a esse período confirmam o que fora apontado como provável por R. da Matta (cf. 1967:94): mais do que pelas pressões efetivamente exercidas pelas populações regionais pioneiras, os primeiros encontros sistemáticos e amistosos com os "particulares", com a "gente civilizada", foram determinados pelo arrastamento dos Gavião, ou seja, pela diminuição da força guerreira dos grupos locais, sucessivamente, em épocas diferentes.

As primeiras tentativas dos servidores do Serviço de Proteção aos Índios para "atrair" os Gavião (com facões e machados) datam de 1937, mas os encontros "pacíficos" definitivos só se deram, através dos padres dominicanos ligados à prelazia de Marabá, em meados de 1950. Naquele período, a turma do Cocal (a que pertencia Krohokrenhum, então dividida em duas aldeias) e parte da turma da Montanha se aproximaram da margem do Tocantins, à altura de Itupirança, no rio Praia Alta. Em 1961, o SPI conseguiu atrair definitivamente para o Posto Gavião, nas proximidades de Tucuruí, os demais componentes da "turma da Montanha". Finalmente, em 1968, após

inúmeros choques violentos entre grileiros e os Gavião, ser-
vidores da FUNAI acabaram por contatar os Kyjkatejê, o gru-
po que havia se refugiado desde a década de 20 à montante do
Tocantins, numa localidade denominada Saranzal, já próxima à
Imperatriz, no Maranhão. De acordo com a história desse gru-
po, foi o que permaneceu por mais tempo ocupando efetivamente
as proximidades da margem do Tocantins.

3- Delimitação da "Área Indígena Mãe Maria", trans- ferência dos grupos e expropriação do território Gavião

No laudo, o autor afirma (pág.5) que o decreto
nº 4.503, de 20.12.1943, promulgado em virtude da tenacidade
de José Maria da Gama Malcher, então inspetor regional do SPI,
visava "garantir a futura sobrevivência dos Gaviões, numa área
rica em produtos naturais e onde, como vimos, haviam eles man-
tido relações pacíficas com o antigo posseiro (Messias de Sou-
za)"- grifo nosso.

Diante da impossibilidade política de neutralizar
as pressões que os grupos locais vinham sofrendo, o SPI provi-
denciou a reserva de uma porção do território tradicional dos
Gavião, que lhes acabou sendo concedida pelo decreto de 1943.
Essa situação, todavia, em nada diz respeito, como quer o au-
tor do laudo a título de conclusão (último parágrafo, pág.14),
ao artigo 26 da lei nº 6.001 (Estatuto do Índio) que trata de
"áreas reservadas", artifício criado a despeito da garantia
constitucional das áreas indígenas (art. 198), independen-
te da sua demarcação.

O segundo mapa em anexo, datado de 1965 e elabora-
do no setor de Terras e Cadastro do Serviço de Proteção aos In-
dianos, apresenta uma configuração aproximada do que seria a to-
talidade do território Gavião até meados do século (a área de
posse imemorial), ainda excluída de sua porção mais oriental,

ao sul (abrangendo o Iuarapê dos Frances, nas proximidades de Imperatriz, MA), onde foram contatados os Pjkhatejê). Nesse mapa observa-se ainda, claramente, a presença da área delimitada, objeto do decreto de 1943.

A área indígena passou a ser arrendada a terceiros pelo SPI a partir de 1947, por quantias então consideradas irrisórias. Conforme justificativa de "necessidade" de fundação de um posto de atração definitiva no Mãe Maria (datada de 1952, elaborada pelo Sr. Telésforo Martins Fontes), era "preciso dar início à vida econômica do Posto", o que só ocorreu efetivamente em 1964, quando de sua instalação. Em 1965, o SPI começou a receber propostas de novos arrendamentos a preços elevados. "Com o começo da abertura da PA-70 em 1964, a área despertou grande interesse e dezenas de posseiros já estavam se instalando na área indígena. Vendo que os funcionários do SPI não conseguiam conter a ocupação da área, Antonio Cotrim [também servidor do SPI] resolveu convencer os 28 Gavião aldeados nas proximidades de Itupiranga a se mudarem para o Mãe Maria" (cf. Soares: 1983, apud CHFI, 1985:62).

Os agentes do SPI passaram a persuadir Krohokrenhum quanto à "necessidade" de se transferirem para o Posto recém-criado. Krohokrenhum relata os "conselhos" que ouvia:

- "Vamo lá, rapaz! vamo lá! lá é bom, tem muito "colocação" grande, muito castanha, eu quero que vocês só recebendo dinheiro "de grosso", vocês "enrica"! Lá é bom pra vocês! Aqui não é... terra de vocês não! Lá é terra de vocês mesmo! Aqui "colocação" é muito pequeno, num dá pra vocês, mas lá é bom, é "colocação" grande! O senhor pode ficar deitado, gente trabalha, entrega castanha, vocês vende! Ah! vocês vão melhorar muito, mais que aqui!" Aí eu compreendeu como é, eu disse assim: - "Ôpa! eu vou... eu vou "enricar" mesmo lá!" (Mas que nada...)" - apud Ferraz, op.cit:47-48.

A delimitação da reserva e a transferência pelos agentes tutelares, a partir de 1966, de todos os grupos locais

para o interior da Área Indígena Mãe Maria implicaram, portanto, na expropriação, aos Gavião, de grandes porções de seu território tradicional e em mudanças profundas no modo de vida daquela sociedade. O abandono da forma circular das aldeias, do corte do cabelo, do uso do idioma e o cerceamento à realização de cerimoniais estavam ligados à utilização dos Gavião, pela FUNAI, no decorrer de dez anos consecutivos, como mão-de-obra coletora, em regime de trabalho semi-servil, na extração de castanha-do-Pará, então abundante naquela área.

Novas alterações significativas ocorreram quando, a partir de 1976, em virtude do descontentamento crescente em relação à submissão àquele sistema, os Gavião passaram a gerir, eles mesmos, a produção e a comercialização da castanha diretamente aos agentes exportadores, em Belém. O turning point representado pela conquista daquela autonomia se traduziu imediatamente na retomada de costumes tradicionais e da vida política centrada no pátio da aldeia. Um modo de enfrentamento direto das situações de crise - que caracterizam a sociedade Gavião - inaugurava um novo referencial para as suas relações com o Estado.

Nos anos seguintes, esse modo de enfrentamento viria a se expressar novamente nas negociações levadas a efeito pelos Gavião com a Eletronorte, pela construção de uma linha de transmissão de alta tensão (subsidiária da Usina Hidrelétrica de Tucuruí), cortando a área, paralelamente à rodovia PA-70, em toda a sua extensão (19 km). A construção de pares de torres metálicas para a sustentação de uma rede de 500 kv viria a atravessar os melhores castanhais dos Gavião e inúmeros roçados, além de passar exatamente sobre a aldeia, forçando-os à mudança.

Inicialmente, os Gavião apontavam a necessidade de alteração no traçado original da linha de transmissão - o que lhes foi sumariamente negado mediante o compromisso de pagamento de uma indenização por perdas e danos. Os Gavião

então passaram a exigir que fosse prévia, em dinheiro (cujo valor seria calculado com a assessoria de juristas) e diretamente à Comunidade Indígena Parikatejê (e não através da Funai). Só em 1986, após quatro anos de negociações ininterruptas, após ameaças de intervenção militar na área indígena denunciadas na imprensa, a Eletromont acabou por pagar metade do valor então estipulado. Com a indenização, os Gavião deram início à reconstrução da aldeia, na forma circular tradicional.

Em 1981 iniciaram-se as obras de construção da Estrada de Ferro Carajás, pela Companhia Vale do Rio Doce, cortando desta vez toda a porção sul da área indígena. Uma indenização irrisória foi então paga aos Gavião que, insatisfeitos, passaram a exigir o pagamento de uma espécie de pedágio, de caráter perpétuo, pela passagem dos trens sobrecarregados de minério de ferro no interior de seu território. Em novembro de 1985 foi firmado um acordo entre a empresa responsável pelo empreendimento (CVRD) e os Gavião de Mãe Maria, estabelecendo o pagamento de nova indenização.

No entanto, as invasões que se verificaram ao longo do leito da ferrovia naquela porção da área indígena vêm gerando uma situação de tensão e conflito iminente entre os posseiros e os Gavião. Apesar do acordo interministerial, resultante de reunião realizada em Belém em março de 1986, que determinava três áreas a serem desapropriadas nas proximidades para o reassentamento das famílias de trabalhadores rurais sem terra, não se verificaram, até o presente, medidas governamentais concretas no sentido de solucionar definitivamente a questão.

A história recente dos Gavião é muito propícia a gerar explicações um tanto reducionistas, o que leva a descrever a sua reação como fundada em cálculos políticos, ra-

cionais e meramente manipulativos. Mesmo sem ter retomado o trabalho de campo entre os Gavião desde 1972, o autor do laudo se arrisca a uma interpretação do processo de intensa mudança social que vem se verificando entre o grupo. É imprescindível considerar também o ritmo acelerado do processo de desenvolvimento desigual observada no sul do Pará, que vem se concretizando com a implantação dos chamados "grandes projetos", como Tucuruí, Carajás, afora a expansão pecuária na região.

Parece-nos equivocado afirmar que as indenizações pagas pelo Estado brasileiro diretamente à Comunidade Indígena Parkatejê tenham-na tornado "cada vez mais negligente no trabalho" (pág. 13, no laudo). Não raras vezes, a própria categoria "trabalho" escapa a uma análise mais detida em se tratando de sociedades tribais. Não foge ao reducionismo afirmar que, entre os Gavião, o "trabalho" possa ser "substituído" com a operação do sistema monetário em condições não desfavoráveis; os recursos obtidos pelos Gavião através das indenizações recentemente recebidas são o resultado de um modo de enfrentamento direto e específico com os representantes do Estado.

Do um ponto de vista antropológico mais rigoroso, constitui-se ainda um desafio analisar o processo de transformação social que os Gavião de Mãe Maria atravessam, sem deixar de lado um tratamento mais aprofundado da concepção que eles têm e manipulam acerca do conteúdo mesmo dessas transformações e da "ótica do confronto".

Referências Bibliográficas

ARNAUD, Expedito C., 1973

Os Índios Gaviões do Oeste - pacificação e integração, Publ. Avulsas do Museu Goeldi, Belém, nº 29.

ASANHA, Gilberto, 1984

A Serra "Timbira": estrutura e resistência, dissertação inédita de mestrado, FFLCH- USP (mimeo).

CEDI, 1985 (Centro Ecumênico de Documentação e Informação)
Povos Indígenas no Brasil, São Paulo, vol. 8

* FERRAZ, Iara, 1983

Os Parkatejê das matas do Tocantins: a eponéia de um líder Timbira, dissertação inédita de mestrado, FFLCH- USP (mimeo).

1986, janeiro, Parkatejê, os Gavião do Pará, parecer solicitado pela Comissão Interministerial MINTER-MITAD (criada em dezembro de 1985 para solucionar a questão do limite sul da Área Indígena Mãe Maria).

MELATTI, Júlio Cesar, 1974

Reflexões sobre algumas narrativas Krahô, UFMG, série Antropologia, nº 3.

NINUENDAJU, Curt, 1940 (e manuscritos)

Eastern Timbira (Os Timbira Orientais), mimeo, Museu Nacional, RJ (S/C)

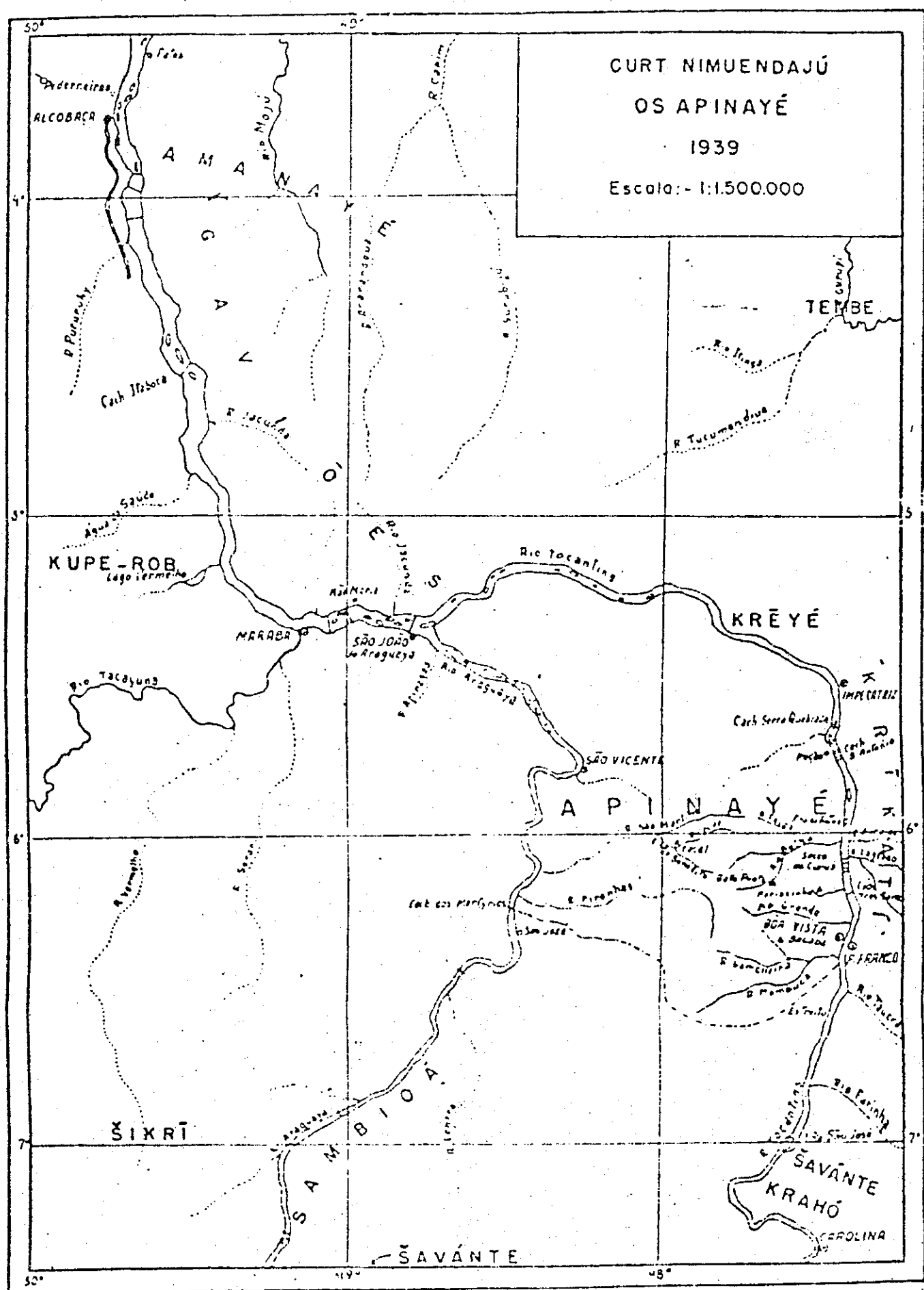
1983 - Os Krahô, edição comemorativa do centenário do nascimento de Curt Nimuendaju, Museu Paraense Dr. Filipe Goeldi/PAZG, Belém.

† DA MATA, Roberto A. e CARVALHO, Eugênio. 1967

Tramã e Castanhão: a migração indígena e o povo Krahô. Toluca, Colômbia. UNICEL.

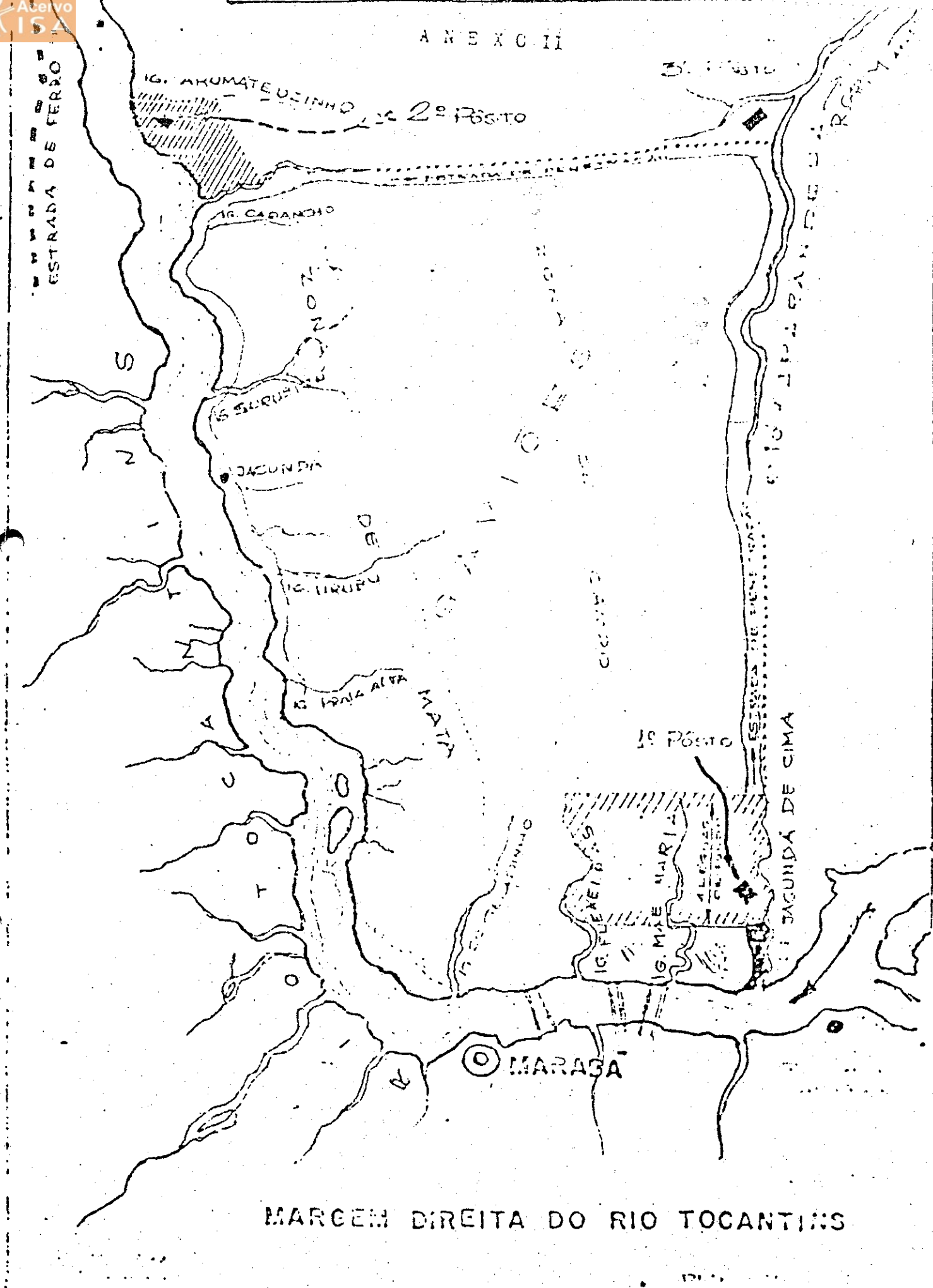
ANEXOS

ANEXO I



1171 1172, 1173

ANEXO II



MARGEM DIREITA DO RIO TOCANTINS

FONTE: SERVIÇO DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS
 2ª Inspeção Regional - Pará
 06.4.1965

A N E X O III

DEPOIMENTOS

(Excertos - PEREIRA, 1983)

"Ah compadre! nós queremos facção!" (os primeiros encontros)

Krohokrenhum - set. 1981

"Eu pensando que eles (os Gaviões) já acostumou ... já conhecia ... não mexe mais nada, né? Aí quando kupê subiu (o rio) atrás deles, aí foi ... primeiro chefe também ... Mas era primeiro chefe! era homem aito, era chefe grande mesmo! Aí kupê lá certinho, ele (kupê) foi na certa, foi atirar sô nele (o chefe), atirou na cara dele! Tava sentado com a mulher dele ... aí (kupê) atirou na cabeça ... Porque já tinha primeira vez que mataram kupê ... porisso ele (kupê) foi matar o chefe ... Aí quando acabaram com esse, aí depois deu amigo de novo com kupê, eles não matava nada ... Depois que aconteceu ali, no baixo Tauri, (com o chefe grande, né?) era todo amigo ... Kupê não mexe nada com 'caboclo', com os 'índio', né? Ele sempre assim, anda assim ... quando gente vê "caboclo", eles não mexe não! Ele só conversava, dando facção, até farinha ele dava ... o ... abóbora, qualquer coisa, o legume ele dava, né? Aí 'caboclo' acostumou ...

Também não tinha motor, não tinha nada. Era só barco, canoinha que andava na beira do rio, né? Não tinha motor. Quando primeiro que desceu lá pro rumo do Belém, ele mesmo (o chefe) que eles (kupê) mataram, ele foi lá ... Aí viu, motor vinha zoando. Aí ele chamou. Primeiro ele (kupê) encostou, encostou (na beira do rio). Aí 'caboclo' pensando que outra coisa, mau né? 'Cabloco' nem gostou. Ele entrou, subiu motor, conheceu todo ... (era chefe, né? pensando que era todo acostumado com ele, né? amigo dele ...) Aí ele andou, conheceu, eles (kupê) nem mexer com ele! ... 'Caboclo', resto entrou também, conheceu ... a metade entrou ... viu o negócio de barco todo, o motor, viu todo, direitinho, tudo né? Chegou ... 'caboclo' contava, né?

- "(A)pareceu uma coisa - nós chamava pvrkre, né? - pvrkre era grande! tem uma coisa gritando dentro! ele mesmo andando! não era kupê que remava ... não era aquele não! (canoa) um bicho lá dentro roncando, ele mesmo vai, né?" 'caboclo' contava direitinho ..."

*pvr=árvore, kre=buraco, oco

"Então foi indo, ele foi, foi, foi ... quando deu perto, quando deu quase chegando, aí ele (o chefe) mandou mulherada arrumar todo acampamento, direitinho. Ficava até três dia, eles aí arrumar facão, né? Aí ele foi. Chegando (era tempo do 'inverno) quando chegando, a turma dele já foi na frente, ele foi atrás, né? A turma foi chegando lá no rio, na beira do rio ... quando ele foi devagar, foi indo, aí castanheiro tava cortando castanha ...

Tã, tã, tã, tac ... todo mundo passou, passou tudo. Aí o filho dele, ele escutou barulho dele (do castanheiro).

Aí depois pai dele chegou, aí ele pediu:

- "Papai, eu quero que vocês toma facão pra mim! Ele sozinho, kupê tá sozinho!"

Aí ele (o filho) teimou, ele teimando demais! Ele (o pai) foi:

- "Não! então eu vou lá!"

Ele tava sabendo logo, ele mandou assim:

- "Ó, tem que cercava, que cercava o cara, né? Tem que cercar! Vocês tão prestando atenção: na hora que quer me ... qualquer coisa ele faz a coisa mau comigo, vocês faz a mesma coisa também, né?"

Mas resto não foi, não foi fazer nada ... se ele fazer ... era trocado, né? (negócio de morte ...). Mas não fez, não fizeram nada! ...

Quando foi chegando ... resto já tinha cercado, mas não fez nada! Ele já acostumado, acostumado chegar com kupê. Quando chega, ele chega com peito. Porque acostumado fazer, né? Quando qualquer um kupê chegava, agarrava logo, conversa, né? conversava alegre ... ele não sabia conversar na 'gíria', mas ... ele, kupê, entende, né? Até ele (kupê) dava coisa (bens) direitinho ... já muitas vez, muitas vez, acostumado!

Aí ele chegando, kupê levantou, (parece era dois, parece dois companheiro dele!) O rifle tava assim (próximo). Ele tava cortando (castanha): tã, tã, tã, tac! Aí quando (o chefe) já chegando em cima dele, parece kupê assustou, né?

Aí quando deu grito, ele (kupê) levantou assim ... ele cercou, pulou, agarrou logo o rifle, no "44". Aí não sabe ... responder, né? Ele (o chefe) responde na 'gíria', ele disse:

- "Ó rapaz! vocês num me atira! num me atira, rapaz! eu quero que vocês me dê facão!"

Mas na hora que ele começou assim, deu grito só uma vez ... 'acochou' o dedo (apertou o gatilho) ... tã... Aí pronto, atirou bem aqui ô, no barriga ... estragou... Mas ele tava vivo ainda, mandando filho dele faz mesma coisa! Mas ... não sei como foi, que ele não fez nada!... Aí todo mundo sabendo, correu, correu todo mundo ... foi bater na beira do rio, um cara tava lá ... com canoa,

remando, 'travessando, né?
 Aí todo mundo voltou ... carregaram ele (o chefe) até ...
 num agüentou, todo mundo, 'caboclo' num agüentou dei-
 xou ele lá no mato mesmo ... deixou jirau, botou corpo,
 aí todo mundo veio. 'mbora, chorando ...
 Aí todo mundo combinaram: - "Vamo assim mesmo agora!
 Vamo pagar ele, quero que me paga, que paga nós tudo!"
 Aí todo mundo foi matar a metade! Mas é verdade mesmo;
 rapaz! 'caboclo' enganava kupê! quando chegava tudinho
 encostando assim (na beira do rio) toma (apanha) arco,
 num escapa nenhum, mata todinho ... Quando chega um ca-
 noa, todo mundo esperava na beira do rio ... Aí quando
 primeiro vinha chamando ele, todinho ... vem remando,
 travessando ... Aí já tava tudo combinado ... aí quan-
 do chegou, todo mundo (a) palpavam, que não tinha nem
 arma, nem nada ... Aí depois, ô ... sô na borduna ...
 mataram tudo, todinha, num escapou nenhuma, num traves-
 sou nenhum (de volta), mataram todo!
 Mas quando já fez três ... três serviço em seguido lá,
 aí não! kupê acordou! (era fogo lá no Tauri!) ... Por-
 que 'caboclo' chegava assim:
 - "Ah ... compadre ... nós quer facão!"
 Ele (kupê) atirava antes! Ele não deixava nem 'caboclo'
 encostava mais ... Aí tava ruim ... Mas aí 'caboclo' co-
 meçou mesmo: matando, matando, matando ... aí aprende-
 ram! Matava, matava, matava, matava ... ichh ... mata-
 va muito, rapaz! Quando outra turma vai, primeiro mata
 um, dois. Chegando na aldeia, um fica com inveja:
 - "Não! eu vou matar também! Não é só vocês que mata!"
 Aí ele vai, né? Vai, mata (pelo) menos três ... assim,
 empatando! quem que mais ganha, ganha! 'Caboclo' empa-
 tava, né? porque 'caboclo' sempre fazendo assim: apos-
 ta, quer ser mais que outro, né? Fazendo prova, quem
 é faz mais morte, mais que outro! "

"Aí eu me criou coragem"

Krohokrenhum - out. 1976

"Naquele tempo, era briga ... Coitado, nós parece um porco, parece porco no mato. Nós brigava, coitado ... nós correu só no mato ... sem a roça, sem nada ... nós correu até tudo aqui, correndo, só correndo, só comendo palmito, só, mais nada outra coisa.

Aí meu cunhado, ele encontrou comigo ... diz que voltava comigo pra ajudar, era ... era ... eu sozinho. Era muito a 'turma da Montanha'. Aí não dava pra eu tomar conta de tudo. Aí nós começemo ... o povo brigava de novo! Aí nós correu pra lá, aí começou, me flechou, (era irmão de meu pai, da 'turma da Montanha').

Aí eu me criou coragem. Sem é, nada saber SPI, sem saber ... eu mesmo me criou meu coragem, eu disse:

- 'Ah! eu desse jeito .. eu não aguenta não, eu não toma conta ... Então eu vou mesmo, eu vou chegar onde entra gente. Eu quero chegar na certa com alguém. Aí eu vou ficar no meio do "civilizado", porque aí eu sozinho não dá conta de todo mundo não ... (porque era muito que ia acabar com nós tudo, que ia matar, antes do SPI ...)

Aí eu criou meu coragem. Minha mãe era com medo ... particular, a gente civilizada ... Eu disse:

- Não, minha mãe ... eu desse jeito como eu tou sozinho ... como vocês tão com medo de morrer, então é o jeito. Se é nós chega, se é ... até kupê, branco, "civilizado" mata nós, também até não tem problema, não é?

Aí meu cunhado encontrou comigo, ele falou:

- "Olha! nós vamo morar lá no Praia Alta ..."

Era nome ... o lugar que nós chamava Krÿrÿtukrekro, era o nome que nós morava lá no Praia Alta. Aí nós 'arreunimo'. Agora lá nós fez rocinha, aí nós plantemo, só encheu a batata, aí nós tava comendo batata, mutubim (arroz-doim). Aí quando no verão kupê aquieta (por causa da grotta seca) ... ninguém cobe, kupê aquieta lá no rio (Tocantins). Aí nós falemo:

- Olha! agora nós mora lá mesmo!

Mas já tem um lugar pra gente trabalhar, terra do Benedito Mendes ... que trabalhava. Porque colocação (posto

de concentração de castanheiras) que trabalhava... aí nós ficamos bem dentro, até onde é no fim do terreno dele, aí nós ficamos. Quando depois, no inverno, aí flecharam um trabalhador dele, ele voltou, foi embora. Aí eu vem, eu vem pra cá. Eu se encontrou com Frei Gil mais Hilmar. Eu não sabia, não tava nem sabendo, eu tava pro mato, quando eu cheguei, não tava nem vendo ele, tava amarrando facão... assia no limpo... eu num sei como nenhum de nós num enxergava nada... Quando foi no outro dia, o José (seu irmão mais moço), eu mandei, ele foi fazer pinicada até chegar na gruta. Eu mandei pra nós fazer a casa mesmo pra nós morava lá. Eu mandei, ele foi, cortando, cortando... encontraram o pique, pinicada dele. Aí correu, me chamou.

- "Por que, era entrada de quem, quem foi que fez pinicada?"

Eu digo: - "Não! eu não sei não".

(Era pinicada nova, até tem faca, tava pendurado... nós 'parámo!')

- "Vamos ver, parece que é kupê mesmo!"

Aí nós foi atrás dele. Aí quando cheguei... quase chegou na... 'rancharia' (porque a 'rancharia' tava lá)... tanto facão que tava pendurado, machado, tudo! Aí nós panhemo. Aí eu deixou mulherada, eu foi atrás deles, eu sei que ele voltava pra lá.

Minha mãe num queria pra mim nem ver nem kupê. Eu digo: - "Não! é o jeito, é o jeito que eu vou atrás, que eu quero ver, que eu quero ver."

Aí eu foi embora. Aí eu tava com medo... medo de me atirar. Eu digo:

- "Não! mas é o jeito que eu vou". Aí nós foi.

Aí nós encontramos com eles, tava comendo. Aí finado 'Janoi' queria matar Frei Gil. Eu digo:

- "Não! porque desse jeito eu já... eu já sabia, porque mais velho me explicava, que quando gente assim dando rancho, facão, dá... dá ferramenta, aí pode ser que é boa pessoa, aí não atira não!"

Aí eu foi na frente. Eu conversou com eles, eles conversou. Aí eles veio com mais facão, monte de facão. Aí eu peguei. Nós pegamos, veio embora. Mas Hilmar compreendeu, ele conversava na 'gíria' Kaiapó.

Aí nós compreendemo. Aí quando nós voltemo, eu foi chamar a outra turma, porque nós dividiram. A metade voltou pra lá, só comendo castanha pra lá. (em direção às cabeceiras do rio Praia Alta).

Aí eles veio de novo. Eles encontraram com tanto castanheiro, ele levou muita farinha de novo pra lá. Aí nós acostunou, pronto!"

A imagem da correria na mata - como bandos de porcos - aludida por Kronokrenhum no início deste relato, mostra a situação de crise que então se verificava entre o grupo. Não ter roças significava viver como "bichos", sem organização social - as atividades na agricultura atestam a ação humana e a vida em sociedade.

Ele menciona a aliança estabelecida com a fração liderada pelo "cunhado", (marido de sua irmã) para poderem enfrentar a numerosa "turma da Montanha". Hostilidade, acusações de feitiçaria e ataques recíprocos marcavam as relações entre o grupo do Cocal e o da "Montanha". Enfraquecidos, sem roças permanentes devido às guerras e atacados por epidemias de malária e gripe (que já começavam a surgir, ocasionando mortes) eram circunstâncias que tornavam mais difícil exercer controle sobre o território.

A aliança com o cunhado, mencionada por Krohokrenhum, parece ter sido determinante para uma das últimas mudanças de aldeia da turma do Cocal, ocorrida antes do contato. Seus componentes foram se fixar nas cabeceiras do rio Praia Alta, afluente do Tocantins nas proximidades de Itupiranga - o local chamado Krÿrÿtukrekro (?) - onde parecia haver condições para se restabelecerem, com o plantio de roças de batata e amendoim.

Uma parcela desse grupo deslocou-se dali para se instalar em um castanhal, o "terreno do Benedito Mendes", como diz Krohokrenhum, que havia arrendado aquelas terras do Estado para fins de exploração dos castanhais, local onde eram hostis os encontros dos Parkatêjê com os castanheiros.

Krohokrenhum relata os primeiros contatos definitivos - ocorridos em setembro de 1956 - com o Frei Gil Gomes Leitão, dominicano ligado à prelazia de Marabá, um tenente da reserva, Sr. Hilmar Harry Kluck e um servidor do SPI. Com recursos obtidos junto à prefeitura de Itupiranga, organizaram uma expedição para ir de encontro aos Gavião, diante de notícias de que eles se encontravam muito próximos à margem do Tocantins. O extermínio do grupo fora o objetivo de muitas expedições patrocinadas por chefes políticos locais, conforme mencionado também por E. Arnaud (op.cit:39), para poderem explorar os castanhais do médio Tocantins.

A frente da ruptura entre a turma do Cocal estava Krohokrenhum, incentivador do encontro com os Krÿrÿ como alternativa de

sobrevivência física para os poucos componentes restantes do grupo, como ele mesmo apresentou no relato. Foi a partir dessa época - 1950, aproximadamente - que sua liderança começou a se firmar. Como se poderá observar, a sua trajetória como líder e cantador será sempre alusiva a esse confronto com os kupé, redimensionado de acordo com as situações concretas. Ao relatar o episódio do encontro definitivo com os kupé, Krohokrenhum exalta a sua coragem pessoal para, em seguida, falar da coragem dos que o seguiram nesse confronto.